



NÃO HÁ VAGAS: mas as desigualdades devem caber no poema

Gabriella Pedrosa Santos Cunha¹, Isabela Azevedo Miranda²

¹Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG),
gabicunha.ic@gmail.com

²Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG),
isabelaazevedomiranda@gmail.com

Resumo: No presente artigo, realiza-se uma análise, sob a perspectiva da semiótica, do poema “Não há vagas”, de Ferreira Gullar, escrito em 1963, e de como ele se sustenta como crítica ao momento sociocultural da época, evidenciando as desigualdades sociais. Crítica semelhante é feita ao cenário brasileiro atual pelo poema “Paupéria Revisitada”, de Ricardo Aleixo, escrito em 2004. Assim, busca-se demonstrar, levando em consideração a temporalidade, as relações existentes entre os dois poemas, visto que a passagem do tempo pode criar diferentes efeitos de sentido.

Palavras-chave: Gullar. Aleixo. Desigualdades. Semiótica. Temporalidade.

1. Introdução

Caracterizando-se a semiótica, o que se percebe é que ela é o estudo dos efeitos de sentido criados no texto voltando-se ao próprio texto. Tendo em vista essa relação, a semântica estrutural busca tentar entender não apenas *o que* o texto diz, mas *como diz o que diz*, isto é, preocupa-se com “os mecanismos internos de agenciamento do sentido” (FIORIN, 2007, p. 72). Sendo assim, cada discurso possui sua própria estruturação e os efeitos de sentido gerados provêm de tal estrutura. No entanto, entende-se também que a semiótica não se prende à linguística, mas se estende a outros domínios, constituindo-se, na realidade, como uma “teoria linguística com grande poder interdisciplinar” (MATTE e LARA, 2009, p. 323).

Assim, toma-se por base tal forma de se pensar a semiótica no desenvolvimento do presente trabalho, a fim de analisar a temporalidade em textos da década de 60 e dos dias atuais, bem como ressaltar as possíveis semelhanças na estruturação temporal nos textos: o poema “Não há vagas”, de Ferreira Gullar, escrito em 1963, e o poema “Paupéria Revisitada”, de Ricardo



Aleixo, escrito em 2004.

A escolha foi feita tomando por base o fato de ambos poemas retratarem uma mesma temática: uma desigualdade social latente e a invisibilidade, decorrente desse problema, de certos grupos socioeconômicos.

2. Fundamentação Teórica e fontes de busca

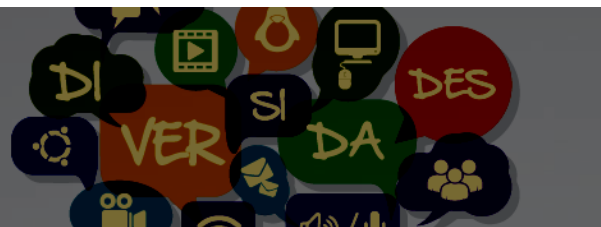
Uma ampla rede teórica foi consultada para embasar as análises da temporalidade que constitui ambos poemas. Para isso, foram estudados os artigos *Enunciação e semiótica*, de Fiorin; *Tempo de Valsa Brasileira, Tempo Fonoestilístico e Semissimbólico*, de Matte, *Um panorama da Semiótica Greimasiana*, de Matte e Lara e *O estudo semiótico da poesia*, de Almeida.

2.1 Conceitos relevantes aplicados ao estudo

Alguns conceitos relevantes aplicados foram: o que é semiótica, ou melhor, o que são as semióticas (Matte e Lara, 2009); a análise do nível discursivo do texto, observando as escolhas do enunciador para comunicar-se com o enunciatário e analisando marcas da enunciação deixadas: dêiticos, advérbios, voz verbal (Matte e Lara, 2009); a análise dos mecanismos internos do texto que lhe conferem sentido (Fiorin, 2007); a manifestação das ordens dos acontecimentos no discurso (Fiorin, 2007).

Além disso, outros conceitos utilizados foram: a debreagem enunciativa e debreagem enunciva (Fiorin, 2007); o tempo subjacente ao texto responsável pela tensividade que constitui a emoção no discurso - como o tempo se desenrola no discurso e quais os efeitos de sentido desse deslocamento (Matte, 2002); o tempo cronológico e tempo rítmico (Matte, 2002); a análise da precisão e reiteração nos textos e também a análise da imperfeição e da novidade (Matte, 2007).

Por fim, também foram aprofundados a projeção do tempo nos textos, analisando a concomitância ou não entre o tempo da enunciação e o tempo da referência; a concomitância ou não do tempo de referência com o tempo do discurso (Matte, 2007); a análise do tempo nos textos pelos cinco patamares de organização: da enunciação, da referência, do discurso, do texto e da



aspectualização (Matte, 2007); e a análise da debreagem do tempo, verificando se há nos textos um efeito de cristalização do tempo, ou seja, reembreagem (Matte, 2007).

3. Metodologia

Para o desenvolvimento do trabalho, ocorreu a consideração e conceituação dos itens estudados a partir da bibliografia analisada; a aplicação dos conceitos no desenvolvimento de uma análise da temporalidade em cada um dos poemas selecionados; a comparação dos pontos de contato estabelecidos no desenvolvimento da temporalidade em cada um dos textos analisados; e, por fim, a observação dos efeitos de sentido gerados a partir da temporalidade calcada nos poemas e da contribuição semântica exercida por ela no trato da temática das desigualdades sociais.

4. Análise e Interpretação dos Dados

Apresentam-se as análises dos poemas selecionados: *Não há vagas*, de Ferreira Gullar e *Paupéria Revisitada*, de Ricardo Aleixo. Por fim, apresentam-se pontos tangentes entre a temporalidade nos dois textos.

4.1 A temporalidade em *Não há vagas*

Começando pela análise estrutural, observa-se o tempo verbal do poema – o presente. Apesar disso, não se trata de um presente universal, uma vez que necessita de condições para existir: o poema estar fechado quanto aos problemas sociais. Além disso, há relação de causa (anterior – o poema está fechado, não há vagas) e consequência (diversos itens não caberem no poema) e a relação temporal estabelecida: o eu lírico enfatiza as consequências para depois falar da causa delas com a inserção do conectivo “porque”. A tensividade, por sua vez, é construída por negações “não cabe no poema” que se repetem.

Ao se observar o poema pelas suas partes, pode-se perceber que, nas duas primeiras estrofes, a temporalidade se apresenta em uma gradação do preço de elementos simples, como o feijão, até o preço de questões mais



complexas, como a rotina do operário. Além disso, a disposição de versos maiores na segunda estrofe permite a desaceleração para que o leitor compreenda melhor a crítica que se faz. Mais da metade do poema está reservada para mostrar aquilo que não cabe no poema, a realidade complexa de quem não cabe no poema. Essa disposição, essa duração, reflete o sofrimento dessa classe retratada que permeia o cotidiano.

Na terceira estrofe, há irrupção repentina no fluxo da gradação e da duração, o que demonstra a marca da pontualidade. Na quarta estrofe, há gradação inversa do que ocorre ao longo do texto, partindo da figura humana para a figura inanimada (fruta). Na estrofe, não há uma duração longa tal qual a primeira e a segunda apresentam, é uma curta duração, que apresenta a irrelevância do poema tal qual ele se configura. E, por fim, na última estrofe, há pontualidade que caracteriza o poema em que não cabem problemas.

4.2 A temporalidade em *Paupéria Revisitada*

Em primeiro plano, é necessário observar o tempo verbal em *Paupéria Revisitada* e analisar os efeitos de sentido que esse recurso linguístico produz. Pode-se perceber que o poema apresenta todos os verbos no tempo presente, o que transmite ao leitor uma ideia de continuidade e/ou de assiduidade, visto que as situações descritas nos versos ocorrem de forma recorrente na sociedade brasileira, o que concretiza uma crítica à situação de desigualdade no país, principalmente em relação aos pobres.

Outro aspecto interessante a se analisar em relação à temporalidade no poema de Ricardo Aleixo é a aceleração e a desaceleração. As rimas entre as palavras terminadas em – ão, por exemplo, contribuem para o ritmo acelerado do texto. O que se percebe também como recurso de aceleração é a ausência de conectivos ao longo do poema. Nesse sentido, o autor apresenta a caracterização de diversos grupos sociais (seguranças, putas, pastores, por exemplo) e uma comparação destes com o poeta, mas não há conectivos entre essas caracterizações e comparações, há, dessa forma, uma leitura dinâmica. Ademais, os versos curtos e a presença de uma única estrofe também



contribuem para a aceleração do poema.

Em contrapartida, o autor utiliza os parênteses constantemente para escrever o poema, o que contribui para pausas. Um aspecto que chama atenção em relação a esse recurso é que um dos parênteses não foi aberto, apenas fechado, nesse momento, a desaceleração também se evidencia.

Em relação à análise do tempo considerando os cinco patamares de organização, apresentado em Matte (2007), é possível observar que a enunciação é agora; a referência é o presente; no discurso há marcas como “quando”; o texto apresenta-se no presente; e levando em conta os recursos analisados anteriormente, como os versos curtos, as rimas e a utilização de parênteses, a aspectualização é aceleração/desaceleração.

Portanto, o que se pode observar é que, na aceleração, percebe-se uma ânsia, uma indignação do autor, para denunciar a desvalorização do poeta frente à sociedade; e na desaceleração, há explicações que funcionam como reflexões.

4.3 Pontos tangentes a serem observados: o que eles nos dizem?

Os dois textos se aproximam ao trazerem verbos no tempo verbal presente. Ambos não retratam o presente universal, visto que condições para existir são necessárias. Entretanto, os dois textos, ao apresentarem esse tempo, transmitem certa ideia de continuidade e/ou de assiduidade, visto que os problemas relatados são recorrentes na sociedade brasileira. Nessa perspectiva, os verbos no tempo presente podem enfatizar que as desigualdades sociais, entre classes e entre as classes e os poetas, como apresentam Gullar e Aleixo, respectivamente, são atuais (de acordo com a época de escrita de cada poema), e são assíduas no Brasil.

Outra semelhança entre os poemas são os versos curtos, o que garante a aceleração. A desaceleração e descontinuidade nos poemas, por sua vez, são feitas de maneiras diferentes. Esse processo ocorre no poema de Ferreira Gullar na terceira estrofe, quando há irrupção repentina no fluxo da gradação e da duração e traz a marca da pontualidade. Já no texto de Ricardo Aleixo esse



processo é feito pelo uso dos parênteses.

5. Considerações Finais

Analisando e comparando os dois poemas, *Não há vagas*, de Ferreira Gullar, escrito em 1963, e o poema *Paupéria Revisitada*, de Ricardo Aleixo, escrito em 2004, podem-se perceber semelhanças e diferenças na estruturação temporal. Dentre as semelhanças estão os verbos no tempo verbal presente e os versos curtos que garantem aceleração aos textos. Em relação às diferenças, foi possível perceber que a forma de desaceleração nos poemas ocorre de forma distinta, a irrupção da gradação ocorre na terceira estrofe do poema de Ferreira Gullar e pausas são realizadas durante o poema de Ricardo Aleixo pelo uso de parênteses. É importante ressaltar também o quanto essa aceleração/desaceleração está relacionada aos sentimentos do eu lírico de indignação em relação às desigualdades de classes. Sendo assim, o objetivo inicial deste artigo, de análise e de comparação entre a temporalidade nos poemas, foi, portanto, alcançando.

Referências

ALEIXO, Ricardo. **Paupéria revisitada**. In: Máquina Zero. Belo Horizonte: ScriptumLivros, 2004.

ALMEIDA, Dayane Celestino. **O estudo semiótico da poesia**. Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA), São Paulo, v. 9, n. 1, 2011.

FIORIN, José Luiz. **Enunciação e semiótica**. In: revista Letras n.o 33. PPGL/UFSM, 2007.

GULLAR, Ferreira. **Não há vagas**. 1963. In: Antologia Poética. Perdizes: Editora Summus, 1980.

MATTE, Ana Cristina Fricke. **Tempo de valsa brasileira**. In: Língua(gem) Texto Discurso: entre a reflexão e a prática. Org. Ana Matte. FALE/UFMG: Editora Lucerna, Belo Horizonte: Rio de Janeiro, 2007.

MATTE, Ana Cristina Fricke. **Tempo Fonostilístico e Semissimbólico**. GEL, 2002.

MATTE, A. C. F., LARA, G. M. P. **Um panorama da Semiótica Greimasiana**. In: Revista Alfa, vol. 53, n.o 2, 2009. Acessado em 15/2/2018. URL <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2119>>.